



Volume III – Novembro de 2008 - <http://www.revistaexagium.com>

Vida e arte se (con)fundem na “Segunda vida de Brás Cubas”

Por Jason Manuel Carreiro*

Patrick Pessoa escreveu a melhor interpretação das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis. Assim, o autor insere seu nome entre os grandes críticos machadianos que se ocuparam da tarefa, entre eles Abel Barros Baptista (*A formação do nome*), Valentim Facioli (*Um defunto estrambótico*), Enylton de Sá Rego (*O calundu e a panacéia*), Alfredo Bosi (*Brás Cubas em três versões*), Roberto Schwarz (*Um mestre na periferia do capitalismo*) e Sérgio Paulo Rouanet (*Riso e melancolia*).

É o melhor exercício interpretativo (oriundo da tese de doutoramento em Filosofia do autor, defendida na UFRJ em maio de 2007) porque Patrick realiza tarefa que pouquíssimos críticos alcançaram: respeitar a autonomia (soberania?) da obra de arte.

Ciente dos riscos (comuns) ao fazer uma análise em filosofia e literatura, Patrick Pessoa tem o cuidado de não permitir que teorias filosóficas se sobreponham à obra de arte, ou que sirvam para ilustrar elucubrações pré-concebidas por quem analisa o texto.

* Jason Manuel Carreiro é escritor, professor de filosofia, literatura e língua inglesa. Autor de *Eram os deuses escritores?* (Belo Horizonte: Anomelivros, 2004) e *Da crítica moral à afirmação da vida: relações intertextuais entre Machado de Assis e Nietzsche* (Brasília: Domínio público, 2006)

De maneira eficiente, o autor segue a máxima brasclubiana: “a obra em si mesma é tudo”.

Fazendo uma leitura arguta entre os jogos de significantes e significados que se oferecem aos leitores das *Memórias póstumas* (como, por exemplo, a genial sacada que associa o nome da personagem Eugênia, “a bem-nascida” à sua característica manca), Patrick Pessoa faz uma leitura fenomenológica de *Brás Cubas*. Tal metodologia aplicada ao ato da interpretação permite que o autor siga uma tendência que contraria o que geralmente fazem os críticos: Patrick projeta suas leituras do romance para dentro do próprio livro, estabelecendo conexões interessantíssimas, e evitando armadilhas como tentar ver dados biográficos de Machado, ou aspectos sociais, econômicos e políticos do Rio de Janeiro em fins do século XIX como alegorias que o autor teria escondido sob a máscara de Brás Cubas. Outro mérito do livro é que, ao longo das suas 286 páginas, os leitores somos poupados dos jargões machadianos, tais como “bruxo do Cosme Velho”, ou “maior escritor brasileiro”.

A leitura fenomenológica de Patrick Pessoa conduz a uma dupla identificação de Brás Cubas com a tragédia: por um lado, enquanto personagem, ele sucumbe a um destino que lhe foge do controle; por outro, enquanto narrador, ele é quem titereia as personagens narradas (e a si próprio, enquanto personagem narrado). E é justamente o caráter duplamente trágico (e irônico) do romance que nos leva a enxergar a fusão entre a vida e a obra: Brás, que diz não ter-nos transmitido o legado da miséria humana através de filhos, está novamente brincando, pois legou um filho de cerca de 230 páginas que narram as (des)venturas de uma vida aparentemente mambembe. Mas é o caráter afirmativo (em sentido nietzschiano) de Brás que o leva a interromper o seu

descanso eterno para narrar esta vida sem feitos. Afinal, a vida é que culmina mesmo por ser a nossa grande obra.

Senti falta de poucas coisas no livro de Pessoa: na crítica à primeira geração de estudiosos machadianos, parece-me que um diálogo ou ao menos uma nota a Sílvio Romero (*Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*) seria importante. Discordo que a biografia escrita por Lúcia Miguel-Pereira seja a melhor sobre Machado. (Sob perspectiva biográfica, a melhor obra parece-me ser ainda *A juventude de Machado de Assis*, de Jean-Michel Massa). Ao analisar o “distanciamento irônico” de Brás, Pessoa poderia ter estabelecido cotejos entre ironia e ceticismo através dos importantes trabalhos de Maia Neto (*O ceticismo na obra de Machado de Assis*) e Gustavo Bernardo (*A ficção cética, Verdades quixotescas*), o que abonaria ainda mais a sua incursão filosófica pelo romance. Inclusive, o argumento à página 140, de que “só depois da morte, de dentro do túmulo, é que se pode avaliar o sentido de uma vida” já está em Maia Neto, e poderia dar frutos ainda mais interessantes, numa interseção.

Também na seção acerca do problema da autoria das *Memórias póstumas*, um diálogo com o crítico português Abel Barros Baptista (*A formação do nome*) teria sido elegante, dada a notoriedade do estudo. Porém, estas pequenas ausências em nada comprometem a originalidade e importância do estudo de Pessoa. Trata-se de uma obra soberana, porque respeita o texto de Machado, elevando-o e lendo-o como condição da “necessidade antropológica” que precisa ser resgatada ao lermos obras grandiosas como as *Memórias póstumas de Brás Cubas*. E temos em Patrick Pessoa aquele que melhor percebeu que a “realidade é constitutivamente obra”, a vida é obra.

PESSOA, Patrick. A segunda vida de Brás Cubas: a filosofia da arte de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.